

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 69

---

*Col. E*

# Imposto sobre a exportação do carvão britânico á Alemanha

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa

---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



## Imposto sobre a exportação do carvão britânico á Alemanha

Na Gran Bretanha está chamando muito a atenção no momento actual a questão de melhores métodos de commercio para o Imperio Britânico depois da guerra. Ha varios pontos complicados referentes a melhores condições commerciaes internas e a favor dos nossos Aliados que estão sendo estudados nos seus diferentes aspectos por peritos; a prolongação da guerra pela Alemanha oferece á Gran Bretanha ensejo para o desenvolvimento dum projecto satisfatorio. A Alemanha espera, uma vez estabelecida a paz, poder retomar a sua obra de predominio no mundo economico, a qual, segundo alguns afirmam, constitue um dos principais motivos que a levou a desencadear a guerra. A Alemanha vai encontrar porém uma diferença: em vez duma aquiescencia passiva terá que fazer face a uma opposição instruida e organizada. A Alemanha, dominada pela Prussia e possuida dos ideais prussianos, continuará a ser suspeita; portanto a guerra economica está sendo estudada a serio na Grã Bretanha.

Concede-se geralmente que se deve examinar cada ramo de industria á parte, pois o que convem num caso não satisfaz noutro. Porém,

servindo de élo para os unir a todos, está a resolução de salvaguardar as «industrias mestras» e as materias primas que não se podem substituir. A «industria mestra» da Gran Bretanha é a sua marinha mercante, cuja vida depende do carvão; e no carvão de vapor do Paiz de Galles tem a Gran Bretanha uma riqueza unica. Já pelo passado se propoz mais duma vez proibir a exportação do carvão de vapor; propor-se-ha de novo, provavelmente, no que respeita á Alemanha. Neste nosso artigo propomo-nos tomar em consideração um projecto alternativo que vem a ser o impôr direitos ao carvão exportado para a Alemanha. Ficou assente na Conferencia de Paris que o tratamento de nação mais favorecida não se estenderá aos paizes inimigos durante um certo numero de anos; portanto será licito impôr esses direitos; como precedente temos os direitos ultimamente impostos sobre as sementes oleosas exportadas da Africa Ocidental britanica. A Alemanha possui grandes minas de carvão. Em 1915 a sua produção foi de dois terços da produção da Gran Bretanha. Antes da guerra ela exportava grandes quantidades para os paizes circumvisinhos; porém ao mesmo tempo importava bastante carvão, na proporção de dois quintos da sua exportação. Do carvão importado vinha-lhe 90 por cento da Gran Bretanha; pode-se portanto considerar a questão dessa importação como negocio particular entre a Alemanha e a Gran Bretanha. Porém não se dá o caso converso: a exportação do carvão britanico não constitue

um negocio de primeiro interesse entre a Gran Bretanha e a Alemanha. Em 1913 a Gran Bretanha exportou 97.719.000 toneladas, das quais 9.064.510 toneladas foram para a Alemanha; isto é, menos da decima parte. A exportação de carvão britânico para a Alemanha não é portanto de primeira importancia, pois o que se perderia por um lado, recupera-se por uma exportação maior para os paizes aliados, por exemplo a França, cujos pedidos aumentarão provavelmente depois da guerra. (Em 1916 a França recebeu 17 milhões de toneladas, emquanto que em 1913 recebeu 12 milhões.)

Tão pouco se dá neste sentido o caso converso: se a Gran Bretanha encontra compensações pela perda na exportação para a Alemanha, não pode a Alemanha dispensar as importações da Gran Bretanha. A prova do apreço em que se tem o carvão britânico evidencia-se no facto de ella — o país proteccionista por excellencia — o admitir sem direitos de entrada. O carvão britânico ia para os grandes portos alemães, principalmente para o porto de Hamburgo. Dos 9 milhões de toneladas exportadas para a Alemanha em 1913, recebeu Hamburgo 5.796.000 toneladas; Hamburgo importava regularmente 5 toneladas de carvão britânico por 3 de carvão alemão (da Westfalia). Um terço do trafico rio acima do Elba consistia em carvão britânico. Durante a grêve de 1912, quando o carvão britânico não chegava a Hamburgo, não foi substituido por carvão de Westfalia ainda que o preço desse carvão tivesse subido 80 por

cento. Isto parece provar que o porto de Hamburgo poderá pagar mais caro o carvão britânico. Infelizmente os relatórios consulares respeitantes á Alemanha não diferenciam o carvão de vapor do carvão ordinario; porém sabe-se que uma grande parte do carvão britânico exportado para Hamburgo e outros portos alemães era carvão de vapor. Foi esta a razão pela qual o carvão alemão não podia fazer-lhe concorrência, nem substituí-lo durante a grêve de 1912. O carvão galez não tem substituto. Segundo as estatísticas da Comissão Real sobre Fornecimentos de Carvão de 1904, o carvão de South Wales (região sul do Paiz de Galles) consiste em 30,2 % de carvão betuminoso, 22,27 % de carvão antracite, e 46,31 % de carvão de vapor. O carvão de vapor explica o motivo pelo qual, apesar de dar só 19,7 % da produção total britânica em 1913, a parte que tinha South Wales nas importações britânicas era de 38 %. O antracite ainda que excelente existe em qualidade igual e quantidade muito superior na Pennsylvânia; dos 37 milhões de toneladas exportadas em 1913 de South Wales, entravam só 2 milhões de antracite. O carvão de vapor, produto dessas minas, vai para toda a parte e pode suportar os fretes para os cantos mais remotos do globo.

A Alemanha não dispensa o carvão de vapor quando o pode obter. Pondo de parte os navios da marinha de guerra, não ha carvão que o substitua nos grandes paquetes; é esta a principal razão pela qual um porto da importancia

de Hamburgo, num dos paizes mais ricos em carvão, se vê obrigado a importar o carvão da Gran Bretanha. E esta mesma razão subsistirá depois da guerra, se as grandes linhas alemãs resuscitarem. Portanto, mesmo que se imponha pesados direitos de exportação para a Alemanha, isso não causará dano ao negocio carvoeiro do Paiz de Galles. Temos ali um produto unico pelo qual podemos pedir o preço que nos apraz. Não se dá o mesmo caso com certos artigos que constituem quasi um monopolio para a Alemanha e sob os quais ella funda a sua esperança futura, tais como as tintas e o vidro ótico. Estes artigos podem-se fabricar entre nós, como de facto já se fabricam: para isso é só preciso firme resolução, sciencia applicada e talvez uma certa medida de protecção durante alguns anos. A Alemanha vai descobrindo que, no que respeita aos seus fornecimentos de materias primas, é uma illusão o seu sonho da Mittel-Europa; daqui não lhe pode vir nem o algodão nem a lã, nem decerto o carvão de vapor. E' só do Paiz de Galles que ella pode obter este ultimo produto. Por consequencia, se ella deseja obtê-lo — o que não parece duvida — terá de o pagar. A Conferencia Imperial Britanica de Guerra annunciou o estabelecimento duma Repartição Imperial de Recursos Minerais; sem duvida será este um dos assuntos de que ella tratará.

